

REENCONTRO
literatura

Victor Hugo

O corcunda de Notre-Dame

Tradução e adaptação em português de

Jiro Takahashi

Ilustrações de

Jayme Leão



editora scipione

Gerência editorial
Sâmia Rios

Edição
Samira Yossef Campedelli

Assistência editorial
Dulce S. Seabra

Preparação
Sílvia Cunha

Revisão
Daniella Bessa,
Léia Fontes Guimarães e
Thiago Barbalho

Coordenação de arte
Maria do Céu Pires Passuello

Programador visual de capa e miolo
Didier D. C. Dias de Moraes

Diagramação
Marcos Dorado dos Santos



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7.221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.aticascipione.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br

2017

ISBN 978-85-262-8392-3 – AL

ISBN 978-85-262-8393-0 – PR

Cód. do livro CL: 738027

CAE: 263476

3.^a EDIÇÃO

7.^a impressão

Impressão e acabamento



Traduzido e adaptado de *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo. Paris: Gallimard, 1978.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hugo, Victor, 1802-1885

O corcunda de Notre-Dame / Victor Hugo;
adaptação em português de Jiro Takahashi. – São
Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Takahashi, Jiro.
II. Título. III. Série.

97-0210

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger
e impresso em papel Offset 75g/m².

SUMÁRIO

<i>Quem foi Victor Hugo?</i>	5
Livro Um	8
Livro Dois	17
Livro Três	36
Livro Quatro	38
Livro Cinco	43
Livro Seis	46
Livro Sete	59
Livro Oito	76
Livro Nove	92
Livro Dez	103
Livro Onze	118
<i>Quem é Jiro Takahashi?</i>	136

QUEM FOI VICTOR HUGO?

Victor Hugo nasceu em 26 de fevereiro de 1802, em Besançon, França. Por dez anos, sua família acompanhou o pai – general do exército de Napoleão – nas suas obrigações militares pela Córsega, Itália e Espanha. Em 1812, quando os pais se separaram, o jovem Victor se mudou para Paris com a mãe e os irmãos Abel e Eugênio.

O amor de sua mãe pelos livros acabou por inspirar o mesmo amor em Victor Hugo. Desde a adolescência, decidiu tornar-se escritor. Aos 14 anos, já havia escrito 23 poemas e aos 15, recebia precocemente um prêmio da Academia Francesa por um poema de 334 versos.

Em 1822, já recebendo uma pensão do governo por suas primeiras obras poéticas, ele se casou com Adèle Foucher, amiga de infância. Na noite do casamento, seu irmão Eugênio, que também amava Adèle, enlouqueceu.

Em 1829, era reconhecido como o líder do movimento romântico na França. Tornou-se grande amigo do crítico Saint-Beuve, amizade que lhe trouxe um frutífero período de produção literária. Em 1830, escreveu *Hernâni*, seu primeiro drama romântico, que foi encenado na famosa Comédia Francesa. Nessa ocasião, assinou um vultoso contrato para escrever um romance histórico tendo como palco a monumental catedral de Notre-Dame. Caso não cumprisse o prazo, teria de pagar uma multa de 1000 francos por semana de atraso. Para essa tarefa, decidiu não sair mais de casa, trancando suas roupas no guarda-roupa, para não cair em tentação. Seis meses depois, a França o consagrava com *O corcunda de Notre-Dame*, confirmando sua glória literária.

Sua amizade com o crítico Saint-Beuve terminou de modo infeliz: sua mulher, Adèle, separou-se dele para viver com o

amigo. Outras provações o aguardariam na sua vida familiar. Sua filha Leopoldine morreu afogada em 1842. Mais tarde, em 1872, sua filha Adèle seria internada por ter enlouquecido após uma malsucedida história de amor.

Na sua vida, Victor Hugo não se contentou com a glória literária. Também participou intensamente da vida política. Monarquista na juventude, após a Revolução de 1848 passou a simpatizar com os republicanos. Foi eleito para a Assembleia Legislativa e apoiou medidas pela educação livre no país. Com o advento do Segundo Império, preferiu o exílio, deixando Paris disfarçado de operário. Apesar da companhia de alguns devotados amigos, entre eles sua nova amada, a atriz Juliette Drouet, a vida no exílio era praticamente solitária. Sua companhia mais permanente era o mar. O interesse pelo povo humilde, que não lhe trouxe resultados práticos na política, acabou por inspirar um de seus maiores livros, *Os miseráveis*, publicado em 1862.

Quando caiu o Segundo Império, em 1870, retornou a Paris. Com alegre surpresa, descobriu que a lenda Victor Hugo havia crescido na sua ausência. Foi triunfalmente eleito para a Assembleia Nacional. Com o prestígio cada vez maior por sua obra literária, em 1876 foi eleito para o Senado.

Sua saúde, enfraquecida a partir de 1878, piorou após a morte de Juliette Drouet, em 1883. Em 22 de maio de 1885, Victor Hugo não resistiu a uma congestão pulmonar, vindo a falecer, aos 83 anos. A nação inteira ficou de luto e suas exéquias foram dignas das maiores personalidades da França. Seu corpo foi velado sob o Arco do Triunfo e uma procissão de 2 milhões de franceses acompanhou o cortejo até o Panteão, seguindo por um trajeto enfeitado com bandeiras em que estavam inscritos os títulos de suas inesquecíveis obras.

Há alguns anos, quando o autor deste livro estava visitando, ou melhor, explorando, a igreja de Notre-Dame, encontrou esta palavra, gravada à mão, na parede de um recanto escuro de uma das torres:

ANAGKH¹

Essas maiúsculas gregas, enegrecidas pelo tempo e entalhadas profundamente na parede, as formas peculiares de sua caligrafia gótica, como a revelar que fora uma mão da Idade Média que as havia ali escrito, e, sobretudo, o sentido lúgubre e fatal que elas encerram, impressionaram vivamente o autor.

Ele se perguntou, tentou adivinhar que alma atormentada, antes de abandonar este mundo, fizera questão de deixar aquele estigma de crime ou de desgraça na frente da velha igreja.

Mais tarde, a parede foi rebocada, ou raspada (já não me lembro), e a inscrição desapareceu. Pois é assim que se tratam, há quase duzentos anos, as maravilhosas igrejas da Idade Média. As mutilações vêm de todos os lados, tanto de dentro como de fora. O padre as reboca e o arquiteto as raspa; depois, vem o povo, que as demole.

Assim, além desta frágil lembrança que lhe consagra aqui o autor deste livro, hoje não resta mais nada da misteriosa palavra gravada dentro da sombria torre de Notre-Dame, nada do destino desconhecido que ela resumia tão melancolicamente. O homem que escreveu aquela palavra na parede já desapareceu há vários séculos; a inscrição, por sua vez, desapareceu da parede da igreja; e logo, talvez, a própria igreja desaparecerá também da Terra.

Foi sobre aquela inscrição que se fez este livro.

¹ Palavra grega, que significa “fatalidade”.

Livro Um

Na manhã do dia 6 de janeiro de 1482, os parisienses foram despertados pelas ensurdecedoras badaladas dos sinos de todas as igrejas da cidade. Desde um tempo imemorial, todo o povo de Paris amanhecia, nesse dia, excitado pela dupla celebração: o dia de reis e a festa dos loucos.

Havia programação para todos os gostos: uma grande queima de fogos na praça de Greve, um ritual de plantação na capela de Braque e a representação de um mistério – a forma teatral mais popular da época – no salão do Palácio da Justiça.

Uma multidão enchia desde cedo as avenidas do Palácio da Justiça. Era lá que se elegia o papa dos loucos logo após a representação da peça. Além disso, nesse ano havia um motivo a mais para o povo preferir o famoso salão. Os embaixadores flamengos, que tinham vindo a Paris para tratar do casamento do príncipe da França com Margarida de Flandres, lá estariam presentes, ao lado do cardeal de Bourbon.

A peça estava programada para o meio-dia. Era muito tarde para uma representação teatral num dia festivo como esse, mas era a hora determinada para a chegada dos ilustres visitantes.

Os espectadores lotaram bem cedo o salão, todos procurando os melhores lugares. Pouco a pouco, as horas de espera começaram a irritar a multidão, no meio da qual havia muitos estudantes, mais ansiosos por elegerem o papa dos loucos e saírem em passeata pelas ruas de Paris.

Os estudantes procuravam abrandar a irritação fazendo a maior algazarra. Gritavam, faziam piadas e

aproveitavam para xingar os professores que detestavam e que estavam também no salão.

Quando chegou o meio-dia, não havia ainda qualquer sinal do cardeal e dos visitantes. Liderada pelos estudantes, a multidão ameaçava colocar tudo abaixo, gritando em coro:

– Comecem o mistério! Que demora é essa?

– Abaixo os embaixadores flamengos!

O autor do mistério, o poeta Pierre Gringoire, entrou em pânico ao ver o público enfurecido. Sentiu-se entre a espada e a parede. Se fizesse iniciar a peça, o cardeal o castigaria com certeza. Se aguardasse o cardeal, a multidão, por certo, destruiria o Palácio. Considerando o furor do público mais palpável, Pierre achou melhor começar imediatamente a representação.

A orquestra principiou a tocar, o público silenciou, as cortinas se levantaram e surgiram quatro personagens no palco. O primeiro deles empunhava uma espada, simbolizando a nobreza. O segundo trazia duas chaves de ouro, simbolizando o clero. O terceiro carregava uma balança, simbolizando a comercialização. O último empunhava uma enxada, simbolizando o trabalho. O sexo das duas alegorias masculinas era indicado pelas túnicas mais curtas e pelo gorro que traziam à cabeça, enquanto o das alegorias femininas, pelas túnicas mais longas e pelo capuz. A partir das primeiras cenas, era fácil perceber que a nobreza era casada com o clero, e a comercialização, com o trabalho.

A peça havia começado bem e parecia agradar o público, deixando Pierre muito orgulhoso de sua obra. A certa altura, um mendigo com o braço aleijado começou a circular com seu chapéu sujo no meio do público, implorando:

– Uma esmolinha, pelo amor de Deus!

Um estudante reconheceu o mendigo Clopin. Dirigiu-se a ele, exclamando calorosamente:

– Ei, Clopin! Ontem era sua perna que estava aleijada. Como é que hoje é seu braço? Tome esta moeda e depois me conte como é que se faz isso, meu velho.

A peça tinha sido interrompida porque todas as cabeças se voltaram para onde se encontravam o estudante e o mendigo, que continuou a pedir esmola com sua voz lamentosa.

Dessa vez, quem estava irritado era Pierre. Ordenou em altos brados que os atores retomassem a representação. Aos poucos, a peça voltou a atrair mais atenção do público do que o mendigo.

Então, a porta do salão se abriu abruptamente e a voz retumbante do porteiro anunciou:

– Sua Eminência, o cardeal de Bourbon!

Coitado de Pierre! A peça foi interrompida novamente para dar entrada ao cardeal e à sua comitiva. Para seu desespero, o cardeal caminhava grave e lentamente para o lugar de honra que lhe fora destinado, parando, às vezes, para dirigir o olhar arrogante à multidão e receber a sua admiração.



Mal o cardeal tomou o seu assento, a porta se abriu outra vez e o porteiro começou a anunciar os quarenta e oito embaixadores flamengos, apresentando-os um a um pelo nome. Quando um deles, o conselheiro Guillaume Rym, estava sendo cumprimentado pelo cardeal com uma deferência especial, houve um tumulto envolvendo o porteiro e o último dos visitantes a chegar, o mestre Jacques Coppenole. O porteiro, não sabendo que Coppenole fazia parte da comitiva, por causa de suas roupas diferentes, resolveu barrar-lhe a entrada. Houve uma acalorada discussão entre os dois.

Apesar de sua grosseria, o mestre Coppenole conquistou de imediato a simpatia do público pela maneira espontânea com que se opôs à ideia do cardeal de querer apresentá-lo como uma autoridade estrangeira.

– Nada disso! – bradou com sua voz de trovão. – Sou Jacques Coppenole, fabricante de meias, com muito orgulho. Nada mais, nada menos: fabricante de meias! Não é uma vergonha fabricar meias. Todos precisam de meias, principalmente os nobres.

O cardeal não conseguia esconder o ódio pelo constrangimento que se via forçado a passar, enquanto o público prorrompia em aplausos e gargalhadas. O povo percebeu com certeza a origem popular de Coppenole e a simpatia se estabeleceu imediatamente.

Pierre procurou forçar os atores a prosseguirem. Ninguém lhe deu ouvidos. Então, tentou usar alguns espectadores para que pedissem o reinício do mistério. Dirigiu-se a um sujeito gordo, de ar pacato, que estava próximo:

– Cavalheiro, que tal se recomeçássemos?

– O quê? – perguntou o homem, sem entender.

– O que podia ser? O mistério, claro! – respondeu Pierre, furioso.

– Ora, como quiser – retrucou o sujeito, com indiferença.

Sentindo que não podia contar com ninguém, Pierre misturou-se à multidão e, tentando incitá-la, pôs-se a gritar:

– O mistério! Queremos o mistério! Recomecem já o mistério!

Ao ouvir esses gritos, um estudante comentou:

– Diabo! Então o mistério já não tinha acabado? Recomeçar tudo de novo? Não!

– Não, não! – bradaram os outros estudantes. – Abaixo o mistério!

Pierre, por sua vez, tentava berrar o mais alto que podia para parecer que eram muitas vozes:

– Recomecem! Recomecem o mistério!

O cardeal estava surpreso com a gritaria, sem entender o que se passava. O magistrado responsável pelo Palácio da Justiça explicou-lhe, constrangido, que a peça já estava na metade porque o público exigira que se começasse ao meio-dia, mesmo sem o cardeal. Este não pôde conter uma estrondosa gargalhada.

– Quer dizer que conseguimos escapar à metade da peça? – comentou, alegre e aliviado, o conselheiro flamengo Guillaume. – Nada mau. Foi bom termos nos atrasado um pouco.

O magistrado pediu que o cardeal decidisse o que fazer: voltar a peça ao início, como queria o autor, ou acabar de vez, como queriam os estudantes.

– Continuem, continuem – disse o cardeal. – Para mim, isso não faz diferença. Continuem, que vou ler o meu breviário.

O magistrado impôs silêncio ao auditório e anunciou:

– Respeitável público, para contentar os que querem que se recomece e os que querem que se acabe a peça, o cardeal ordena que se continue.

No palco, os personagens voltaram à ação. Pierre confiava que, pelo menos, a peça seria acompanhada agora até o fim.

Após algumas cenas, porém, a representação foi novamente interrompida. Dessa vez foi o fabricante de meias que, ainda empolgado com o sucesso de sua entrada, tomou a palavra:

– Senhores burgueses e fidalgos de Paris, o que estamos fazendo aqui? Não conheço muita coisa sobre o mistério, mas se é isso que estão apresentando, só posso dizer que não tem graça nenhuma. Vocês não concordam? Não foi para isso que me trouxeram aqui. Prometeram-me uma divertida festa dos loucos, com a eleição de um papa. Permitam-me dizer que, em nossa terra, temos também o nosso papa dos loucos e nisso não estamos atrasados. Sabem como nós fazemos? Todos os candidatos a papa passam a cabeça por um buraco, um por vez, e fazem caretas. Aquele que fizer a careta mais feia é eleito papa por aclamação. É muito divertido. Por que os senhores não escolhem o seu papa à moda da minha terra? Eu lhes garanto: será menos maçante do que esses tagarelas que estão no palco. O que os senhores acham? Vamos começar já?

O entusiasmo com que o público aceitou a sugestão de Coppenole deixou Pierre estupefato, sem fala nem para expressar sua indignação. Quando se refez, viu a multidão partindo o vidro da bela rosácea sobre a porta, formando-se um buraco por onde os concorrentes colocariam a cabeça para fazer as caretas. Furioso, frustrado e desgostoso, não restou a Pierre senão esconder seu rosto com as duas mãos.

Em poucos minutos, estava tudo arrumado para a eleição daquele que fizesse a careta mais horrorosa. Iniciou-se a competição. Um por vez, todos os candidatos